



## Apresentação

### Foreword

**Valéria Arza\***

**Anne Clinio\*\***

As tecnologias digitais estão modificando radicalmente nossas possibilidades de compartilhar e colaborar, favorecendo a produção aberta e colaborativa de conhecimento e artefatos - uma inovação que desperta o interesse de atores e comentaristas de todo espectro político, desde os entusiastas do mercado livre até os movimentos anarquistas. Entre os argumentos favoráveis estão a ideia de que estas formas produzem conhecimento, bens e serviços de forma mais eficiente (Stodden 2010; Wiggins y Crowston 2011; Fecher y Friesike 2014; Nielsen 2012) e que se articulam a valores e normas sociais que orientam a inovação para uma vertente mais democrática (Benkler, 2006).

O dossiê “Economia de plataforma e novas formas colaborativas de produção” apresenta uma seleção de artigos e de relatos de experiência que, a partir de pesquisa teórica e empírica desenvolvida no contexto latino-americano, reflete sobre os valores e princípios que orientam grupos, com orientações distintas, na direção da produção aberta e colaborativa, debatendo seus resultados e contradições. Os trabalhos relacionam as novas formas colaborativas de produção com os desafios contemporâneos do desenvolvimento, questionando, por exemplo, em que medida elas geram processos mais inclusivos, resistentes e sustentáveis de desenvolvimento social e tecnológico. Ou, ao revés, em que medida, podem contribuir na criação de novas formas de apropriação privada do comum e de exploração do trabalho coletivo, gerando novas formas de exclusão, precarização e hierarquias a partir de sua captura por aqueles que detêm o poder econômico.

Iniciamos o dossiê com o artigo “O conceito do comum: apontamentos introdutórios”, de Sérgio Amadeu e Rodrigo Savazoni, que apresenta um panorama sobre o conceito do comum, buscando contribuir para o preenchimento de uma lacuna entre a recente retomada do interesse de pesquisadores das ciências humanas e sociais no Brasil pela noção de comum e a escassez de literatura em Português sobre o tema. O trabalho introduz o debate entre duas referências canônicas - a

---

\* Doctora en Estudios de Política Científica y Tecnológica de la Universidad de Sussex, Directora del Centro de Investigaciones para la Transformación (CENIT), Escuela de Economía y Negocios, Universidad de San Martín (UNSAM). Es investigadora independiente del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), investigadora del Centro STEPS América Latina y Profesora Adjunta de Organización Industrial de la Facultad de Ciencias Económicas de la Universidad de Buenos Aires (UBA), Argentina. Dirección: Callao 353 3B, 1023, Ciudad de Buenos Aires, Argentina. Teléfono: +54 11 5199-6393. E-mail: varza@fund-cenit.org.ar.

\*\* Doutora em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), convênio IbiCT - UFRJ. Pesquisadora vinculada à Vice Presidência de Educação, Informação e Comunicação (VPEIC) e membro do Grupo de Trabalho em Ciência Aberta (GTCA) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Endereço: Fiocruz - VPEIC .Avenida Brasil 4.365, Castelo Mourisco, sala 114, Manguinhos, Rio de Janeiro – RJ, Brasil, CEP 21040-900, Tel. 55 (21) 3885-1659. Email: anneclinio@gmail.com ou anne.santos@fiocruz.br

“tragédia dos comuns” de Garret Hardin e as pesquisas empíricas coordenadas por Elinor Ostrom sobre o governo dos bens comuns. Logo, apresenta uma série de autores que abordam o comum como conceito político em oposição ao neoliberalismo e de afirmação da democracia (Hardt e Negri, Laval e Dardot, Subirats, Rendueles, Bollier) para, posteriormente, dialogar com o conceito de *commons-based peer production* (Benkler, Bauwens, Helfrich) e a visão feminista do comum de Silvia Federici. Consideramos que a sua principal contribuição é apresentar a amplitude do conceito na medida em que ele vem ganhando espaço no debate político contemporâneo, sendo especialmente mobilizado por pensadores e iniciativas com a expectativa de renovar a democracia através da passagem do modelo participação social para o de coprodução política.

Em “Cooperativismo de Plataforma e suas Contradições: análise de iniciativas da área de comunicação no Platform.Coop”, Rafael Grohmann introduz o debate sobre os imbricamentos entre as práticas das cooperativas, o sistema capitalista e cooperativismo de plataforma a partir do campo da comunicação social. A pesquisa analisa os valores e visões de mundo de iniciativas registradas no site Plattform.Coop, referência mundial no cooperativismo de plataforma. A partir da análise dos enunciados publicados na seção “Quem somos” dos sites de iniciativas, o autor identifica visões de mundo e princípios subjacentes para analisar em que medida essas iniciativas podem ser classificadas como contestatórias ao capitalismo de plataforma, ressaltando também as suas contradições.

Já o artigo “A insustentável neutralidade da tecnologia: o dilema do movimento *maker* e dos *fab labs*”, de Paulo Eduardo Fonseca de Campos e Henrique José dos Santos Dias, analisa os impactos provocados pela introdução das tecnologias digitais de fabricação em países periféricos pelo movimento *maker* internacional. A pesquisa identifica *slogans* populares entre aqueles que se autodenominam *makers*, apontando o que considera as principais inconsistências teóricas que, por sua vez, levariam a uma prática projetual pouco consciente em relação à complexidade da economia política e a política do conhecimento implicadas no tema.

A produção aberta e colaborativa como estratégia para descoberta de drogas para o tratamento de doenças relacionadas com a pobreza é o tema do artigo “Open Source Pharma and its Developmental Potential”, de Valeria Arza e Sol Sebastian. A pesquisa, de caráter exploratório, mapeia sete iniciativas (Synaptic Leap’s Schistosomiasis Project; Open Source Malaria Project; Open Access Malaria Box; Pathogen Box; Project Marilyn; Open Insulin; CSIR Team India Consortium’s Open Source Drug Discovery Project) e descreve suas atividades em termos de *open access*, *open collaboration* e *open licenses* na medida em que os consideram elementos fundamentais para superar as deficiências do modo atual de produção de medicamentos. Para as autoras, o “código aberto” poderá se constituir como uma alternativa mais eficiente, além de ser capaz de resolver os entraves atuais como a baixa produtividade e a incapacidade da indústria farmacêutica de responder aos problemas de saúde que atingem especialmente os pobres.

Por fim, na seção “relatos de experiência”, apresentamos duas contribuições. A primeira comunicação, “Taller internacional: producción abierta y colaborativa”, assinada por pesquisadores do Centro de Investigaciones para la Transformación (Cenit), relata os principais debates da oficina que reuniu cerca de quarenta ativistas, profissionais, acadêmicos e representante governamentais em Buenos Aires, Argentina. A partir de um questionamento inicial sobre as possibilidades e condições para que as iniciativas abertas e colaborativas impulsionem um desenvolvimento mais sustentável e inclusivo na América Latina, foram debatidos temas como: a produção

de bens comuns e estratégias para evitar a ação de *free riders*; a necessidade do desenho de projetos para promover a participação da comunidade, o diálogo entre saberes (transdisciplinares e transestêmicos), a inclusão de atores geralmente excluídos e o empoderamento dos grupos sociais; além de maneiras para garantir a autonomia e sustentabilidade a longo prazo. Entre os consensos, há o entendimento de que o potencial transformador das iniciativas abertas e colaborativas reside na sua capacidade de fomentar a organização coletiva, de criar laços de solidariedade entre os participantes e a possibilidade de propor uma agenda contra hegemônica sobre problemas ignorados.

Finalmente, a comunicação de Paz Bernardo e Gustavo Pereyra Irujo relata a iniciativa do projeto Vuela, cujo principal objetivo é combater a segregação física e digital de comunidades. Para tal, o grupo fomenta a colaboração aberta entre pessoas sem experiência formal em ciência e tecnologia e pesquisadores dispostos a transformar o papel da ciência e do conhecimento através da adoção de princípios da ciência aberta. Atualmente, o grupo trabalha com instrumentos científicos abertos e desenvolve um protótipo (aberto) de drone para instrumentalizar as comunidades na coleta e processamento de imagens aéreas de alta qualidade que possam embasar o debate sobre problemas que os afligem. Além da apropriação da tecnologia, o projeto também busca desenvolver as capacidades necessárias para esse tipo de colaboração, nos convidando a refletir sobre as condições para uma apropriação do conhecimento mais igualitária.

Pelo exposto acima, acreditamos que o dossiê apresenta os diversos graus de confiança sobre os limites e possibilidades das novas formas de produção em reverter ou minorar os efeitos produzidos pelo capitalismo sobre o bem comum. As posições mais otimistas sustentam que seria possível impulsionar a resolução de problemas sociais e ambientais, inclusive de forma mais eficiente, se fossem mantidos os compromissos de compartilhar recursos de forma estritamente aberta, sem segredos, e o de ampliar a base de pessoas que participam ao longo de todo o processo de inovação. Já os céticos acreditam que estas práticas não questionam os processos de produção capitalista, pelo contrário, elas abrem as tecnologias de informação a processos muito similares ao da produção e exploração capitalista.

Sem dúvida, as práticas, ainda que crescentes, são incipientes, e seu potencial transformador necessita de mais tempo para materializar-se. Nesse sentido, é necessário continuar experimentando as formas abertas e colaborativas de produção, acompanhando, especialmente, as mudanças institucionais necessárias para sua promoção ou entorpecimento, e fomentar debates, como os apresentados neste dossiê.